MILHO

O **VBC** *não foi considerado estimulante e falta crédito. Apenas no cerrado mineiro, há expectativa de aumento da área. No Centro-Oeste, pode haver troca da soja e do arroz pelo milho, em algumas regiões.*

A safra 1985/86, de acordo com a estimativa de setembro, do **IBGE**, foi de 20,4 milhões de t (ver Quadro 18). Suplantaram-se, assim, as expectativas pessimistas de que, em razão da estiagem que afetou o Centro-Sul a partir do segundo semestre do ano passado, a colheita seria muito baixa. O Norte-Nordeste colheu perto de 2,4 milhões de t, resultado semelhante ao consumo local, conforme estimativa divulgada pela **Companhia de Financiamento da Produção.**

Antes que se dispusesse de um quadro mais estável da oferta de milho, este ano, porém, o governo federal resolveu permitir importações. Vivia-se o período de aceleração inflacionária do final do ano passado e a escassez, prenunciada pela divulgação (hoje considerada prematura) de quebra da safra sugeria dificuldades no abastecimento. Quando a produção se revelou superior à previamente esperada, a situação mais folgada do balanço de oferta e demanda acarretou uma pressão baixista sobre as cotações. No entanto, o abastecimento da carne bovina entrou em colapso justamente quando terminava a colheita do milho, e o imediato desenvolvimento da produção de carne de aves e de suínos pressionou as cotações do cereal. Isto fez com que o governo liberasse seus estoques e anunciasse a intenção de retomada das importações, durante a entressafra.

Em verdade, não se sabe qual será o consumo no presente ano, nem em que medida o mercado será pressionado, até a entrada da próxima safra. A **CFP** estimou que a demanda registraria um avanço de 5%, comparativamente às 21,1 milhões de t absorvidas no ano passado, mas é muito provável que ocorra um incremento maior. Com efeito, as aviculturas de corte e de postura vêm sendo grandemente exigidas, desde o início da vigência do **Plano de Estabilização Econômica.** Até o começo de outubro, apresentaram um aumento de 10% em suas produções.

A suinocultura vem trilhando caminho semelhante. Embora o consumo da carne suína seja inferior ao da carne de aves, ocorre aumento da demanda durante o inverno, que se acelera, no fim do ano, com as compras das indústrias, destinadas à formação de estoques para as festas natalinas.

Por estes motivos, a **CFP** refez os cálculos da necessidade de importações de milho, elevando-as para cerca de 3,6 milhões de t (ver Quadro 19). O estoque final da safra seria, então, da ordem de 2,72 milhões de t, equivalentes a dois meses e meio de consumo comercial. Cerca de 1 milhão de t seriam para consumo neste ano-safra, ou seja, dispor-se-ia de uma reserva capaz de atender a um avanço de cerca de 10% no consumo, em comparação ao verificado no ano passado. Caso se efetivem, estas serão as maiores importações já realizadas pelo país, servindo como demonstração clara da fragilidade atual da produção de milho. A compressão salarial verificada desde 1979 não permitiu que se percebesse com clareza a situação precária da atividade. Durante a recessão, também escassearam estudos capazes de detectar os problemas que adviriam quando se expandisse novamente o consumo, humano ou animal.

Tinha-se, porém, a certeza de que o aumento da produção só poderia ocorrer mediante expansão da área cultivada, uma vez que, mesmo no médio prazo, estão descartadas quaisquer expectativas de melhoria significativa do rendimento físico, dadas as características do cultivo.

Antes da divulgação das **metas** para a agricultura, supunha-se que o milho seria uma cultura bastante beneficiada com as medidas governamen-

QUADRO 18 – BRASIL – PRODUÇÃO DE MILHO – 1981/82 – 1985/86

SAFRA	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO FÍSICO (kg/ha)
1981/82	12.619.531	21.842.477	1.731
1982/83	10.705.979	18.731.216	1.750
1983/84	12.205.201	21.174.179	1.735
1984/85	11.801.549	22.019.725	1.866
1985/86[1]	12.370.444	20.419.638	1.651

FONTE – IBGE.
[1] **Levantamento de setembro de 1986.**

QUADRO 19 – BRASIL – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE MILHO 1985-86 – (mil t)

DISCRIMINAÇÃO	1985	1986
Estoque inicial	2.121,0	2.441,9
Produção	21.173,9	19.736,5
Importação	200,0	3.641,6
Suprimento	23.494,9	25.820,0
Consumo	21.053,0	22.090,0
Excedente	2.441,9	3.730,0
Exportação	–	–
Estoque final	2.441,9	3.730,0

FONTE – CFP.

tais para a safra 1986/87. Esperava-se que sua expansão se desse basicamente em áreas de concentração dos rebanhos de aves e suínos (Minas Gerais, São Paulo e a região Sul) e, para tanto, deveria ocupar áreas há anos dedicadas ao plantio da soja. Nesse caso, deveriam ser adotadas medidas de desestímulo ao cultivo desta outra lavoura, em que pese já se saber, de antemão, da configuração desfavorável do mercado externo do complexo da soja. Ocorreu, porém, uma atuação governamental pouco objetiva, neste sentido, a saber:

a) a proposta de desvalorização nominal do preço mínimo da soja não se concretizou, em razão do ônus político que representaria, optando-se por repetir o preço vigente na safra anterior, o que, na prática, representou benefício aos sojicultores(1);

b) os percentuais de crédito de custeio a que faziam jus os sojicultores em 1985/86 (60% para os pequenos e médios, e 50% para os grandes), ao serem alterados para 100%, 60% e 50%, significaram a manutenção da situação para a maior parte deles e melhoria para os pequenos;

(1) De acordo com o Deral-PR, a relação preço mínimo/custo de produção, no Paraná, em 1986/87, está calculada em 1,02 para a soja e 0,97 para o milho.

c) a proibição de financiamentos a taxas favorecidas para a expansão da área da soja no Sul e no Sudeste não parece causar maiores preocupações, pois grande parte dos produtores destas regiões é de porte médio ou grande, dispondo de recursos próprios, e os pequenos têm, agora, direito a maior parcela no financiamento do VBC; e

d) o reajuste médio do VBC da soja superou o do milho, no Sul-Sudeste e no Centro-Oeste, nas faixas mais representativas destas regiões (ver Quadro 20).

As metas anunciadas também apresentam alguns pontos de apoio à cultura do milho, como a maior parcela do VBC para os agricultores de médio porte, o reajuste de 7% no preço mínimo e a diferenciação dos VBCs do Centro-Oeste. O VBC é maior para a categoria dos médios produtores, mas, como anteriormente citado, sua correção foi inferior às dadas à soja e, também, ao algodão herbáceo.

O preço mínimo de garantia frustrou os agricultores que, confiantes nas antecipações otimistas que se faziam das medidas contidas no documento das metas, esperavam-no entre Cz$ 90,00 e Cz$ 100,00/60 kg.

Pode-se considerar uma compensação, porém, os VBCs diferenciados para o Centro-Oeste. Correspondem a uma antiga reivindicação dos produtores locais, que sempre se depararam com maiores custos na formação de suas lavouras. Contudo, como já se destacou, a soja teve maior vantagem, pois o governo federal pretende favorecer seu crescimento no Centro-Oeste de modo a, teoricamente, abrir espaços para o milho nas regiões Sul e Sudeste.

Tais medidas fizeram com que os agricultores do Centro-Sul, ainda que pensassem em ampliar a área cultivada com o milho, revissem seu entusiasmo inicial por esta cultura.

Principalmente no Centro-Oeste, as deficiências no transporte rodoviário, aliadas à decisão de grande número de produtores de, nesta safra, não anteciparem a compra de insumos, devido ao congelamento dos preços, vêm causando alguns problemas no andamento das operações do pré-plantio. Encontra-se atrasada a liberação do crédito de custeio oficial, o que acarretará o deslocamento da semeadura para época menos recomendável. Isto prejudicará a intenção de muitos agricultores, de aumentarem sua produção, através de ganhos no rendimento físico das plantações.

Há outros fatores de peso considerável nas decisões dos produtores. Por exemplo, a relação entre os preços recebidos e o custo de produção,

QUADRO 20 – MILHO E SOJA – VBC DAS SAFRAS 1985/86 (REGIÃO CENTRO-SUL) E 1986/87 (REGIÕES CENTRO-OESTE, NORTE E BAHIA-ZONA 1) E AUMENTO PERCENTUAL POR FAIXAS – (Cz$/ha)

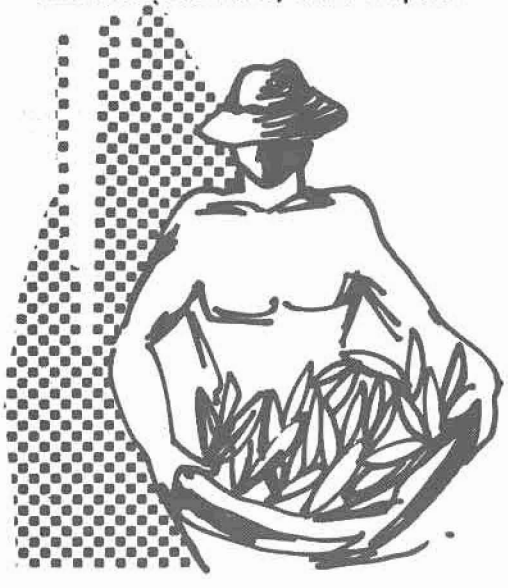
FAIXA	1985/86		1986/87		Δ %	
	Soja	Milho	Soja	Milho	Soja	Milho
1	1.018	387	1.745	719	71	86
2	1.107	563	1.878	1.006	70	79
3	1.355	795	2.271	1.299	68	63
4	1.475	979	2.457	1.592	67	63
5	1.722	1.135	2.871	1.770	67	56
6	1.810	1.354	3.001	2.102	66	55
7	–	1.485	–	2.293	–	54
8	–	1.725	–	2.581	–	50
9	–	1.991	–	2.961	–	49
10	–	2.302	–	3.398	–	48
MÉDIA					68	60

FONTE – Banco Central do Brasil.

verificada na safra anterior. Este indicador, usualmente, é mais considerado do que a análise das perspectivas do mercado. No Paraná, a revisão do custo de produção do milho, no mês de maio passado, feita pelo **Deral**, registrou Cz$ 97,00/60 kg para a produtividade de 2.400 kg/ha. A comparação deste valor com a média do preço recebido, Cz$ 83,00/60 kg, revela um prejuízo próximo a Cz$ 14,00 por saca. Este, contudo, foi inferior ao prejuízo de Cz$ 56,00/60 kg verificado no caso da soja (custo previsto em Cz$186,00/60 kg), para um rendimento físico de 1.500 kg/ha e preço recebido de Cz$ 130,00/60 kg).

Também há que se considerar a expectativa de que a demanda pelo milho, em 1987, continuará elevada. Embora o governo federal tenha deixado claro que buscará evitar eventuais altas dos preços que possam causar pressões inflacionárias, permanece a ampliação do consumo, desde o lançamento do **Plano de Estabilização**. De fato, não ocorreram problemas com os preços do milho tão-somente em razão das importações. Existe uma quase certeza de que a safra futura não terá uma comercialização difícil, até porque o produto importado apresenta qualidade inferior à do nacional.

Por último, o produtor de milho sabe que a planta apresenta maior resistência do que a soja a possíveis distúrbios climáticos, além de poder permanecer mais tempo no campo, no caso de dificuldades durante a colheita.



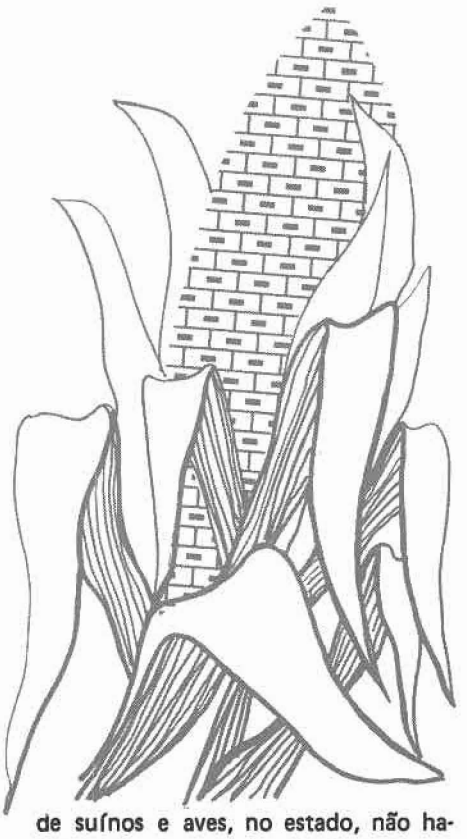
Por estes fatores, existe uma crença generalizada no aumento da área cultivada com o milho. Na região Sul, leva-se em consideração a maior produção esperada de aves e suínos, apesar de haver alguns impedimentos à expansão da lavoura. Basicamente, referem-se à falta de crédito, mas, em zonas específicas, há dificuldades na oferta de insumos, principalmente de sementes de variedades precoces. Embora seja grande o uso de sementes próprias pelos agricultores de pequeno porte, a procura pelo produto comercial denota a intenção de se obter maior rendimento físico. Os grandes produtores que desejam investir no milho encontram-se tolhidos, devido a esta escassez e, talvez, acabem optando pela soja.

O fato de a maior parte dos produtores sulistas ser de pequeno porte levará a que o aumento da área semeada não seja muito significativo, pois tenderá a ocorrer, principalmente em lavouras consorciadas com a soja. A escassa tecnologia utilizada e o atraso na liberação do crédito, em conjunto com o aumento pouco significativo do **VBC**, contribuirão para esta tendência.

No Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul e Goiás destacam-se pelo avanço na extensão dos milharais, nas duas últimas safras, com redução do cultivo da soja. Em Goiás, estima-se que áreas em que se plantou soja nos últimos três ou quatro anos serão, desta feita, ocupadas com milho, ao mesmo tempo em que o deslocamento do arroz para terras novas também poderá beneficiar o milho.

Igualmente em áreas tradicionalmente ocupadas com milho, como em algumas partes de São Paulo, espera-se maior plantio, não raro motivado pelo temor da reforma agrária, o que acarreta a substituição de pastagens.

Em Minas Gerais, existe a expectativa de que se expanda o cultivo do milho, ainda que moderadamente. Há reclamações quanto ao **VBC** e ao preço mínimo e, não fossem a grande criação



de suínos e aves, no estado, não haveria boas perspectivas. Supõe-se que o milho crescerá em zonas antes ocupadas com pastos e, em menor escala, em áreas da soja. Apenas no cerrado mineiro, onde o milho é cultivado depois da quarta safra de soja e consegue rendimento físico superior a 5.000 kg/ha, espera-se bom aumento do cultivo, de até 15%. Nesse caso, substituiria a soja e avançaria por regiões do arroz de sequeiro. Em Minas, não há maiores problemas com a disponibilidade de insumos, mas estão presentes as mesmas dificuldades quanto ao crédito agrícola.

Em síntese, pode-se esperar uma pequena expansão na área de cultivo do milho, na próxima safra. Caso não ocorram problemas climáticos, a produção poderá ultrapassar as 24 milhões de t, considerando-se um rendimento médio de 1.870 kg/ha, obtido na safra 1984/85, a última considerada **normal**.

Quanto ao mercado, no próximo ano, dependerá dos rumos da avicultura e da suinocultura, atualmente conturbados pela crise na oferta da pecuária bovina.